



Tínhamos como ponto acente que este ano, o Caminho de Santiago seria o Caminho Português Medieval, o Caminho mais utilizado pelos peregrinos no nosso país nos dias de hoje, iríamos repetir este percurso já efectuado pela maioria dos Duros De Roer em 2007.



A poucos dias da data prevista para o inicio da jornada, 10 de Junho, ouvimos falar pela primeira vez no Caminho Português da Costa e que iria ser reactivado oficialmente dia 03 Junho em S. Pedro de Rates.

Procuramos mais informação sobre este percurso, infelizmente a informação disponível da

parte Portuguesa é escassa, ficamos a saber algo mais sobre esta rota através de um prospecto de propaganda turística escrito em espanhol que nos chegou às mãos por intermédio do Snr Rocha da Propedal e que passo a transcrever:

“ Durante a idade média existiam uma grande quantidade de caminhos que percorriam o território Português e Espanhol em direcção a Santiago de Compostela, tendo especial importância os Caminhos procedentes de Portugal.

Dentro dos caminhos de peregrinação mais relevantes estava incluído o denominado Caminho Português da Costa que como o próprio nome indica se inicia em Portugal, transcorre pelas cidades costeiras de: Porto, Póvoa de Varzim, Esposende, Viana do Castelo, Caminha – depois Espanha por: A Guarda até Redondela onde se une ao Caminho tradicional Português para chegar a Santiago.

Esta rota era seguida pelos peregrinos procedentes das terras mais ocidentais vindos dos países ultramarinos que chegavam aos portos Portugueses para peregrinar a Compostela seguindo este velho caminho costeiro.

A sua importância é corroborada pelos topónimos existentes, elementos de devoção xacobeia e antigos hospitais e hospedarias que atendiam e recebiam os peregrinos como em Viana do Castelo e Caminha.

De Caminha cruzavam o rio Minho em barca até à ponta Galega de A Pasaxe, em actual concelho da Guarda e assim continuar atravessando os municípios de Rosal, Oia, Baiona, Nigrán e Vigo até chegarem a Redondela, de onde continuavam pela mesma rota que faziam os peregrinos procedentes do Caminho Português que transcorre pelo interior.

O Caminho Português da Costa estreia-se oficialmente no ano santo de 2010”



S.Pedro de Rates, no dia da inauguração do Caminho Português da Costa

Ficamos também a saber que recentemente as autarquias Portuguesas e Espanholas, por onde este Caminho passa, abandonado há bastante tempo por motivos que se desconhece, aproveitando o ano Jacobeu, empenharam-se a fundo para revitalizar esta via, mobilizando vários sectores da cultura, fazendo marcações, divulgação nos media etc.



O DDR Néelson, assinou o livro de Visitas do museu arqueológico de S.Pedro de Rates

As chefias dos Duros De Roer resolveram então com a anuência de todos, fazer este “novo” Caminho.

Os DDR foram ainda convidados pelo Snrs Manuel Rocha e Miranda, do Núcleo de Esposende da Associação Espaços Jacobeus, a comparecerem juntamente com outros Grupos de Esposende, à inauguração simbólica em S.Pedro de Rates, desta via que se quer,

O Grupo de Cavaleiros, que marcaram presença na inauguração em S. Pedro de Rates. Com a mais nova cavaleira de sempre 09 anos, a efectuar o Caminho até Compostela



de chegada dia 12 a Santiago de Compostela.

Depois deste intróito, vamos tentar descrever o que foram os três dias de aventura pelo Caminho da Costa, protagonizados pelos Duros De Roer.

A saída de S. Pedro de Rates foi confusa, tivemos alguma dificuldade em encontrar as setas amarelas tradicionais, o Manel foi pedir informações a um dos promotores da abertura desta via, Snr Miranda, foi-nos dito sem grandes explicações, para seguir as setas encarnadas até encontrar as ditas amarelas em Laúndos e assim continuar.

Segundo consta, este Caminho não passa por S. Pedro de Rates mas sim pela Póvoa de Varzim, infelizmente não tivemos acesso a dados que o confirmassem.



Padrão a assinalar a passagem do Caminho pelo concelho de Esposende.

seja utilizada por muitos peregrinos.

Dos quatro grupos do NEAEJ, o grupo constituído por peregrinos a pé, partiu logo após a inauguração; O Grupo de cavaleiros partiria dia 08; O de ciclistas btt dia 09 e os 02 elementos de kayak, inédito na história dos Caminhos de Santiago creio que também a 09 e nós os 16 ddr, à margem destes Grupos e em autonomia no dia 10 Junho - dia de Portugal -, todos com data prevista

Em Fonte Boa, próximo dos caulinos, encontramos - implantado recentemente - um marco monolítico com a incrustação de uma vieira, símbolo das peregrinações a Compostela, a assinalar o início da passagem do Caminho pelo concelho de Esposende.



Mensagem do Xico na véspera da partida:

***“DESEJO A TODOS DDR E AMIGOS DO PEDAL UMA BOA VIAGEM A SANTIAGO.
UM ABRAÇÃO A TODOS”***

Xico

Esta aventura ficou marcada pelas grandes ausências do Xico, Paulo Pinho, Rui e Adélio - companheiros de sempre de todas as aventuras -, impedidos de nos acompanharem por motivos profissionais, o Adélio ainda foi ao nosso encontro com uma carrinha, indo buscar as nossa *sex-machines* a Santiago.

✠ Café Rafael - 06h00, faltavam o Milo, o Rui e o João, o restante pessoal entretinham-se enquanto esperavam por estes atrasados, com os últimos retoques na bagagem e a protegerem-se para enfrentar a chuva que entretanto tinha começado a cair, passado vinte minutos chega o João esbaforido todo molhado, trazia vestido umas bermudas, uma camisola e uns sapatos brancos com dois sacos pendurados ao pescoço um à frente e outro atrás das costas, a imagem de marca do nosso amigo João.

O Rui e o Milo continuavam sem aparecer, esperamos mais um quarto de hora e arrancamos com a esperança de que mais tarde iriam ao nosso encontro.

O Milo estava à nossa espera em...casa, o Rui acabou por não comparecer - hum!!! tenho a certeza que se o Rui tivesse um telemóvel tinha-nos avisado e assim teríamos poupado algum tempo de espera.

“...depois de esperar 40 minutos pelo Milo partimos para mais uma aventura. 10 de Junho 2010, os DDR fazem história, ao inaugurarem o caminho de Santiago pelo litoral, caminho que há muitos anos estava desactivado!...”

Milo



...seguíamos as tradicionais setas amarelas, os trilhos desde S.Pedro de Rates até S.Paio de Antas, eram nossos conhecidos das muitas vezes que treinamos por estas bandas.

Próximo da margem do rio Neiva encontramos outro marco, a assinalar o fim do Caminho pelo Concelho de Esposende, o mais bonito de todo o Caminho até Compostela, com a configuração

de Portugal e os pontos assinalados de início e chegada do Caminho a Compostela, pena que esteja um pouco escondido.

Atravessamos uma pequena e estreita ponte em pedra sobre o rio Neiva que liga Antas a Castelo do Neiva e dois kms à frente o primeiro contratempo com a roda da Scott do P.Fernandes que já vinha a ameaçar desde as Marinhas com um furo, em Belinho com outro e, agora a solução foi sacar a roda e ver o que realmente se passava levando-a a uma oficina a cerca de três kms, que, graças ao contacto do Manel persuadiu o mecânico a comparecer na oficina porque o dia era feriado.

Enquanto esperávamos pelo regresso do Paulo e companhia o Milo e o Ivo contam o que se passou:

“...inicio de viagem atribulado por um delegado de propaganda médica, mas que foi a forma de assistir a um espectáculo digno de se ver....A LUTA DE TITÃS, CABRITOS LOUCOS...”

Ivo



“...ainda não tínhamos partido quando a bike do Paulo fura. Era o início de um ciclo de furos que o Paulo viria a ter. Durante as reparações os DDR divertiram-se assistindo à marrada entre dois carneiros que disputavam a única fêmea naquele local, enquanto eu gozava da vista em cima de um esteio os outros tentavam acertar-me com pinhas. O Chefe Filipe cortou uma silva com espetos enormes e correu atrás do pessoal

o que originou que o Berto entrasse directamente para o Guinness, como o Homem que correu 150 metros com ela de fora, sem parar de urinar...”

Milo



....a bike do Paulo encostada a um canto, ainda sem a roda, foi exorcizada pelo Filipe e Mota com uns ramos para tirar os diabinhos do “corpo” só que os estupores dos belzebus, depois do transporte do Paulo ficar ok , saltaram da Scott dele e durante uns quatro kms, chuparam o óleo dos travões de trás da minha Santacruz até à última gota e... fiquei sem travões.

Com a ajuda do Manel , fomos novamente ao mecânico que reparou a roda do Paulo, como estávamos bastante atrasados o Grupo continuou enquanto nós nos dirigíamos para Castelo do Neiva, depois não sei o que se passou mas o Ivo e o Milo sabem...

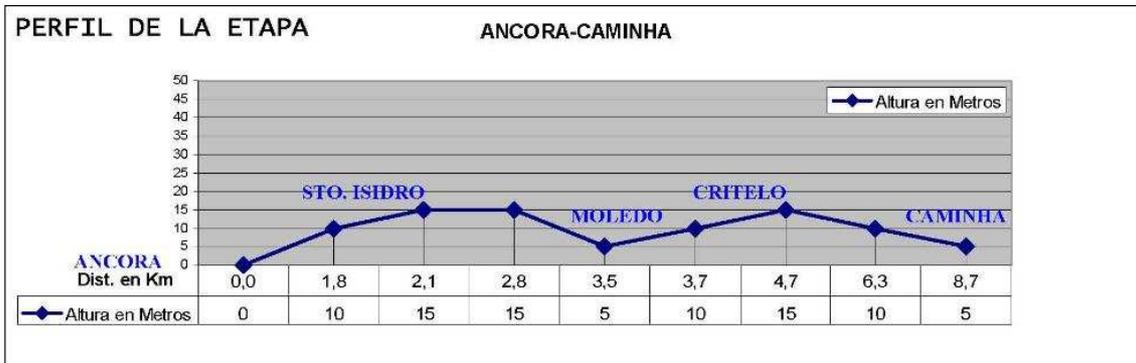
“...a má marcação na cidade de Viana que já acolheu algumas aventuras dos ddr, foi um momento de desorientação do grupo, que já não contava com a presença do Manel e Narciso, que estavam com alguns problemas técnicos....”

Ivo

“...o Narciso tem uma avaria na bike o Manel solidariamente vai com ele ao mecânico. Nós continuamos pelos lindos caminhos junto ao rio, entretanto perdemos o Futre ninguém dá pela sua falta, passados alguns quilómetros aparece-nos o Futre esfalfado,

suado e zangado, olhamos uns para os outros incrédulos, pensamos será que ele já foi a Santiago e veio?...”

Milo



.... com a Santacruz de novo operacional, o mecânico informou-nos que o Caminho passava pelo campo de futebol de Viana, contactamos o Grupo e informaram-nos que estaríamos nesse local à nossa espera. Por estrada metíamos carvão na fornalha ora na



Flagrantes do Caminho
Passagem em...Caminha

KTM, ora na SantaCruz a todo o vapor ao encontro do Grupo, só que não esperaram e continuaram, agora esperariam por nós em Afife, depois era não sei onde, já próximos de Âncora estaríamos numa albergaria da marginal, saímos da estrada e mais uma vez tinham-se pirado, já chateado comentei com o Manel: “estão a brincar connosco...” e outros comentários que não se podem escrever.



Travessia do rio Minho e desembarque em A Guarda

Depois da marginal de V.P.Âncora, eu e o Manel, continuamos a seguir as setas amarelas agora por terra até Caminha. Ficamos um pouco frustrados por ter falhado o Caminho desde Chafé até Vila Praia de Âncora mas, paciência, são as contingências de percurso. Chegamos mesmo à justa de apanhar o ferry-boat das 13h00, para a Guarda, onde o Grupo se

preparava para embarcar e ao verem-nos a chegar esbaforidos ainda gozaram connosco dizendo que viemos de...carro, mas que seita de perdigueiros estes estupores, vejam só o que diz o Milo:

“...já em Caminha juntaram-se a nós o Manel e o Narciso que tinham lavado a cara no rio para dizer que vieram a abrir para nos apanhar. Mas nós sabemos que eles vieram de carro.

Fizemos a travessia. Durante a viagem alegramos a tripulação que no fim e já nas suas viaturas apitaram desejando-nos boa viagem... “

Milo



...terminou o Caminho da parte do território Português, depois da travessia do rio Minho. A Pasaxe, assim se chama o local onde atracou o ferry, pertencente ao concelho de A Guarda O Caminho, continuaria agora por território Espanhol, paramos para almoçar isto é: comer umas sandes e pouco mais, os ânimos estavam calmos, já tínhamos esquecido as idiosincrasias passadas até aqui.

Enquanto uns tomavam café, outros deliciavam-se com as belas paisagens das revistas



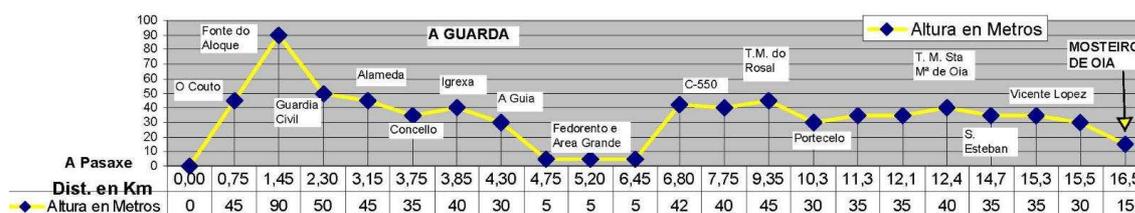
existentes no bar ao ponto de se esquecerem que tínhamos de prosseguir - os ddr são assim, não perdem uma oportunidade para admirar os belos “monumentos” existentes em Espanha.

Voltamos ao Caminho, numa subida um Galego perguntou:” onde ides?”, “a Santiago”, respondemos e ao notar que éramos Portugueses verbalizou em português correcto:” oh, o

Caminho é fodido” e a confirmar as palavras do homem, logo a seguir, tivemos que subir... umas escadas com as bicicletas às costas que provocou...

“...a queda do nosso companheiro Tininho, felizmente sem consequências de maior, as coisas que ele faz só para ter direito a uma massagem do chefe...” Ivo

CAMINHA- OIA



...o perfil primitivo deste Caminho pelo território espanhol, depois que fizeram a estrada junto ao mar, ficou alterado, cortaram-no em diversos locais, obrigando os peregrinos a sair da estrada e passados alguns metros, voltar novamente à estrada, às vezes só para fazer umas subidas “desnecessárias”, por trilhos mal tratados e vegetação do nosso tamanho, este constante entra e sai desmoraliza um pouco especialmente quem já tem uns kms valentes no pêlo como era o nosso caso, agora imaginem os peregrinos a pé, o que apetece mesmo é continuar sempre em frente pela estrada e não ligar às setas.

O Grupo pedalou quase sempre dividido em dois ou três, o grupo da frente comandado pelo João, chegava a ter uma diferença para os últimos de um km ou mais, pessoalmente acho este espírito de competição desadequado quando se trata de uma aventura, priva o Grupo de uma maior camaradagem e solidariedade, não entendo porque se vai a puxar feito maluco para depois parar e ficar à espera que os outros apareçam, não se ganha nada e por vezes motiva atrasos desnecessários e tivemos a prova disso ao longo do Caminho com algumas situações aborrecidas originadas precisamente por o Grupo pedalar disperso.

Decididamente não fazemos jus ao lema dos Caminhos de Santiago que é:

“ Amigo, Peregrino ou Aventureiro, não faças o Caminho, deixa que o Caminho o faça a si”



Hora do recreio em Rosal
O Futre nem com a cerveja levantou o Flávio

Ah! Mas estamos a falar dos Duros De Roer não é?

O Snr Miranda do Grupo de Esposende, tinha-nos avisado para ter muita atenção às marcações nesta parte do Caminho, em alguns locais as setas estão do outro lado da estrada, aconteceu em Rosal, só com muita atenção é que o último Grupo viu a seta no lado oposto a indicar a saída de estrada, com os

“outros Grupos” bem lá na frente a ter que voltar para trás, continuamos por trilhos de terra, durante alguns kms, indo “desaguar” num barzito à beira-mar.

Porque estava na hora do “recreio”, paramos para beber, com o Alexandre e o João a dar o exemplo entrando de rompante no tal barzito com um parque infantil...

“...os baby DDR no parque de diversões, onde as bebidas e gelados tinham um preço inflacionado, foi divertido ver o Flávio e o Futre e não só, nos cavalinhos...”

Ivo



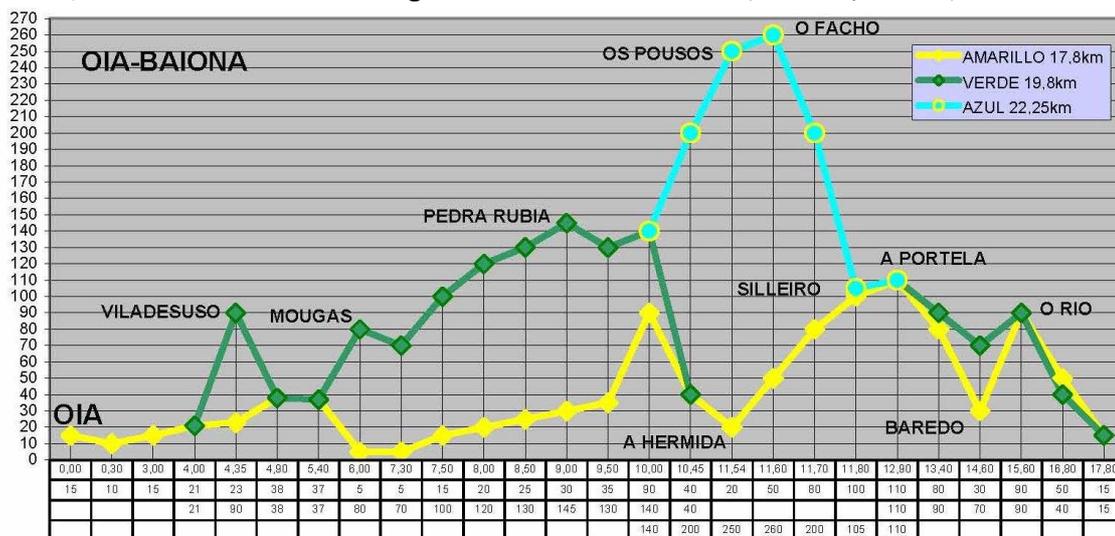
Fomos recebidos com música à nossa passagem por Oia

...findo o “recreio”, no escorrega, baloiços e cavalinhos, bem animados, prosseguimos pelas arribas junto ao mar.

Em Oia, foi saudada a nossa passagem por dois tocadores de gaita-de-foles, num ápice estávamos no porto de Oia em frente do emblemático Mosteiro fundado no ano de 1137 e que foi ocupado pelos Jesuítas expulsos de Portugal desde 1912 até 1932, actualmente é pertença de privados, daí a explicação por

acharmos estranho estar fechado a meio da tarde onde pretendíamos carimbar as credenciais tendo que o fazer mais adiante num bar ao mesmo tempo que comíamos o resto das sandes e fruta já cheia de hematomas devido aos muitos trambolhões nos alforques (ai a parte boa daquela banana, mister Ivo), que ainda restavam do almoço, creio que foi o Flávio e o Berto que entabularam conversa com um cliente do bar, cujo teor da conversa a certa altura, imaginem: ...o IVA e o custo de vida nos dois países.

Quatro kms a seguir a Oia, há duas alternativas ao Caminho “amarelo”, pelo interior: o verde e o azul. Estávamos atrasados devido aos percalços em Castelo do Neiva e o tempo que se portara bem desde as Marinhas, ameaçava chuva a qualquer momento por isso optamos por continuar pelo Caminho amarelo e no ora sai da estrada, ora entra na estrada chegamos a Baiona às 17h50 (18h50 espanholas).



Time-break , fizemos uma curta paragem no restaurante Pedro Madruga em Baiona - só o tempo necessário para visitar o....cunhado do Néilson que é dono, ou trabalha



Baiona
Elementos do Grupo e o Néelson à conversa com o-cunhado-porreiro

neste restaurante, um gajo porreiro que pagou cervejas a todos, um tipo à maneira, finalmente alguém se lembrou de nós.

Despedimo-nos desse fixe-cunhado-do-Néelson e ala que se faz tarde, mais cinco kms e estaríamos no local previsto com marcação prévia para pernoitar.

A entrada na pacata Vila Ramallosa do concelho de Nigrán

faz-se por uma ponte pedonal Romana (existe outra a par desta para o transito motorizado), sobre o rio Minhor (Miñor), do séculoXII, a única ponte sobre o rio durante 900 anos,



Ponte Medieval de Ramallosa

logo a seguir entramos numa rua que nos conduziu ao *Pazo de Pias*. Quando transpusemos a porta de entrada, já nos esperavam, fomos bem recebidos, escolhemos os alojamentos, quartos individuais modestos confortáveis quanto baste, local limpo, asseado e silencioso, toda a ala do edifício por nossa conta era isto mesmo que precisavamos depois de cento e vinte kms nas pernas.

O Paço de Pias foi construído no século XVII, actualmente pertence às Irmãs Apostólicas do Coração de Jesus, serve de albergue privado para peregrinos, possui uma fachada de escudos e armas e um horto de plantas único na Galiza.

“...a chegada em respeito dos DDR às freiras, momento único de disciplina e bom senso (que não se repetiu no regresso da incursão nocturna) ehehehe” Ivo



Mota, saudando a... "Dolce Vita", em Ramallosa

...depois do banho retemperador fomos à procura de uma refeição quente, a chuva que andou a ameaçar todo o dia caia agora abundantemente, como a oferta de restauração em Ramallosa era pouca, apanhamos táxis e fomos jantar a Baiona, no final do jantar, houve um desaguisado com um táxista que tentou ludibriar-nos no preço e a única solução foi telefonar para

Ramallosa para nos virem buscar. O que se passou a seguir parecia um filme de policia & ladrões, com os “ladrões” à chuva a fugir da polícia. Ainda houve tempo para... tomar café, num bar chamado “Dolce Vita”, próximo do albergue e fazer umas flexões à chuva e....

“...depois de um agradável jantar e uma valente batalha psicológica com os taxistas espanhóis, uma sessão de humor à Mister Bean protagonizada pelo nosso Capitão Marinheiro que quase ficava sem cabecinha...”

Milo

“...a noite foi rica em casos....

- 1º A forma como o Motinha inchou e ficou preso entre o balcão e a máquina.*
- 2º A Maria que encantou metade da equipa, mas apenas um dos bravos conquistou dois respeitosos beijos.*
- 3º Saudações grandiosas ao DDR que tentou, sem sucesso urinar para um tubo na via pública.”*

Ivo

“...no maior silencio e respeito que é característico, dos DDR fomos dormir descansados...”

Milo

Hum!!!.. de facto, pensando bem o que foi o este primeiro dia, é bem certo o que o Ivo diz:

“A velha máxima de pau que nasce torto, morre torto, não se aplica aos DDR!!!”

2º dia: Sexta-feira, 11 Junho



Alvorada às 06h00, (hora Portuguesa), uma violência, a noite foi curta 4/5 horas de sono é muito pouco para quem andou a trabalhar desde as 05h00 do dia anterior até à 02h00 da madrugada, devíamos dormir até às 10h00 ou 11h00, o chefe assim determinou mas, com esse mau feitio na marcação de horários, há-de ter muitos amigos há-de.

O certo é que às 06h30, toda a gente estava compenetrada no pequeno-almoço, servido por duas *Hermanas*, variado e abundante com as proteínas e fibras necessárias para enfrentar o que viria a ser a etapa mais difícil do percurso.

As fotos em grupo e a despedida do Pazo, lugar fantástico, do melhor. O tempo apresentava-se fresco, enevoado, cinzento sem chuva “vai-se manter así”, disse a Hermana na despedida

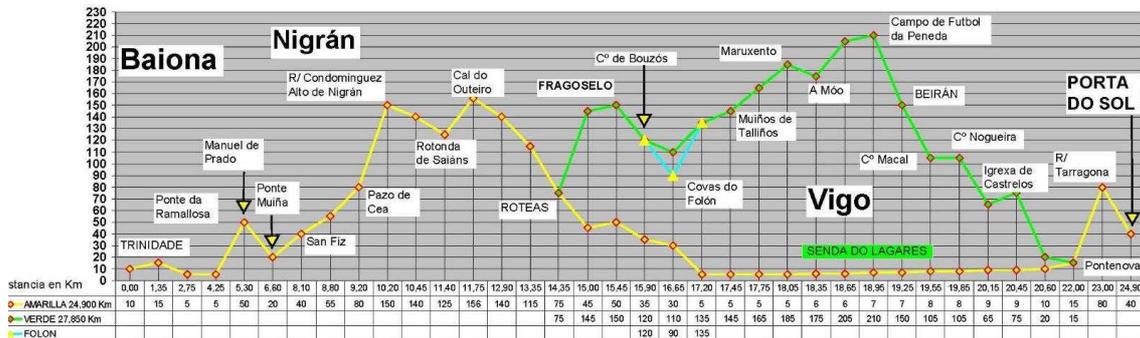


Bólas!...tantos sítios bons para cair e tinha de ser aqui na lama.

Já passava das 07h30 quando retomamos ao Caminho, sem tempo para aquecer, começamos logo a subir a frio, atravessamos uma pequena ponte sobre um riacho e...os estupores dos diabinhos continuavam a fazer das suas, puseram um pau enlameado à frente da Scott do Paulo, no pior sítio possível, um lamaçal, a burra ao passar por cima do pau escorregou e mandaram-se os dois para cima

da lama ficando com um visual novo da cor bege *muítta cool*.

“... saudação especial para o nosso elemento LAMACENTO (leia-se Paulo Fernandes), com um momento maravilhoso nunca antes visto quando caíu na lama com os seus plásticos todos...”
Ivo



Pelos trilhos do alto de Nigrán

...depois de passar por Nigrán subimos por um trilho cheio de densa vegetação, com vista para o mar, paramos num tanque cheio de água porque o Paulo queria mudar o visual bege mas, pouco mudou e lá teve de continuar assim.

Tínhamos trepado ao alto de Nigrán e agora descíamos por um trilho em mau estado com muitas pedras grandes à mistura

obrigando mesmo o Berto com a sua Scott a experimentar a dureza dos calhaus com um ombro.

Como sempre uns distanciados e outros atrasados, a meio da descida num lugar chamado Roteas tínhamos novamente duas alternativas a seguir, o chefe já tinha decidido desde o primeiro dia que iríamos sempre pelo amarelo, ao contrário do que nos aconselharam: *“...utilizar sempre as setas verdes porque além de ter uma vista formidável e fugir ao trânsito, despendem o mesmo esforço e poupam tempo”*, mais tarde podemos constatar que assim era, a certa altura...

“...nos montes em Espanha com bonitas paisagens para o Mar, perdemos o Mota que nos mostrou o seu desagrado com um olhar mortífero, ficamos a saber que um homem não se mede aos palmos...”

Milo

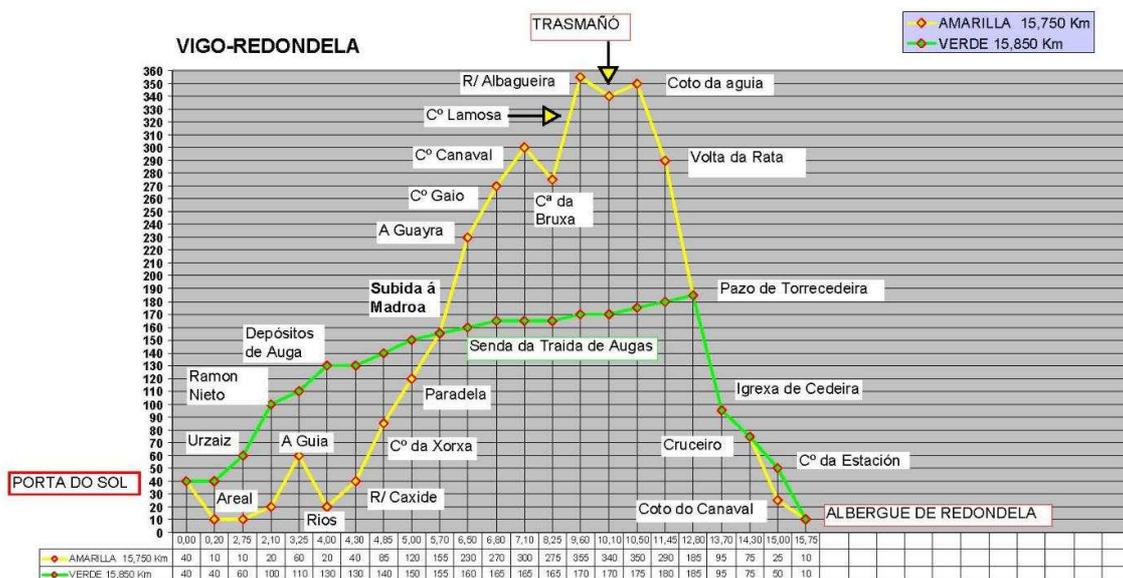


...realmente eu e o Carlos passamos pelo Mota, parado a olhar para a sua bike mas de seguida voltou a monta-la e como não disse nada continuamos, se foi este o motivo da chatice, temos que fazer meia culpa porque nunca mais nos lembramos de olhar para trás. É o que acontece quando o *people* se distrai.

O Caminho amarelo passa pelo centro de Vigo. Demoramos bastante tempo a atravessar a

grande cidade, devido aos inúmeros semáforos e muito trânsito.

Finalmente na Porta do Sol, zona de saída da cidade, vimo-nos livres da confusão



infernais dos carros, saímos da estrada principal, tínhamos outra vez o Caminho verde à disposição, fomos pelo amarelo que subia de c...

Como de costume, faltava alguém, era o João: à saída da cidade viramos à direita e ele sempre adiantado dos restantes continuou em frente. Pessoalmente não me chateei nada, já conheço suficientemente como funciona a “fera”, mais km, menos km, acaba sempre por nos apanhar. Qualquer das maneiras provocou algum frisson com o Grupo aos berros para que voltasse para trás, fazendo-nos perder algum tempo...

“...percurso muito mais agradável, talhado para os DDR que gostam de dureza, sem nunca esquecer a parede que trepamos com 19% de inclinação que fez puxar pela alma resistente que todos nós temos...”

Ivo

“...as vistas sobre Vigo e a ria com as suas plataformas de mexilhões era linda, mas a subida parecia não ter fim o Nelson estava feliz eram só Franqueiras mas para o fim ele já só ansiava por uma descida.

Perdemos o João, mais tarde viemos a saber que ele nunca se perde...”

Milo



Madroa
O cimo do monte depois de trepar à subida mais acentuada do percurso

...a Subida à Madroa, foi a pior de todo o Caminho e à boa maneira dos ddr, só a fizemos na totalidade porque quisemos. Chegamos ao cimo rebentou a corrente da minha Santacruz e em consequência fiz uma aterragem de ladexs no alcatrão. Com a ajuda prestimosa do Flávio e o elo de engate do Mota depressa resolvemos o problema, ainda a subir e para

chatear mais, começou a chover.



Redondela.
Aqui juntam-se os dois Caminhos: o da Costa e o Medieval

Os diabinhos continuavam a divertirem-se à grande, decorridos mais uns metros azucrinaram a KTM do Mota, partindo-lhe um braço do suporte de apoio dos alforjes, com o Filipe a improvisar uns paus e uns elásticos de campismo para substituir o braço partido .

Chovia forte quando iniciamos a descida da Volta da Rata - o nome da descida - só paramos

num minimercado, numa aldeia a um km de Redondela para comprar comida, que

mais tarde nos serviria de almoço.

Em Redondela o Caminho da Costa une-se com o Caminho Medieval sendo a mesma via até Santiago de Compostela, paramos só para carimbar no albergue.

De S.Pedro de Rates até aqui, não tinha-mos visto nenhum peregrino, agora viam-se alguns a pé e de bicicleta e tal como nós, tinham iniciado o percurso em S.Pedro de Rates mas fazendo o Caminho pelo interior.

Entre Redondela e Pontevedra, só paramos para almoçar a meio de uma subida porque a fome já apertava, num parque de merendas, lugar da Fonte, foi o local escolhido, curiosamente desta vez ninguém utilizou o parque infantil lá existente com escorrega e baloiços - pois, pois, é que os kms já feitos e aquela subida amoleceram um pouco... não, não foi nada disso: estávamos frescos que nem uma alface, não tivemos foi tempo; Nélsón: eeeeeeeeeeee o que é que nós somos? Todos: **duros de roer.**



Até Pontevedra tivemos algumas vezes de rebocar as burras à mão, como daquela vez por uma calçada empedrada do tempo dos romanos.



Pois é meus amigos, isto é só para DUROS

À entrada da cidade no bar “Flora”, enquanto o chefe e o Flávio se afadigavam nessa tarefa nobre para carimbar as credenciais, aproveitamos para tomar café, a dona era uma velha conhecida do Mota e enquanto os dois cavaqueavam pondo a conversa em dia, eu e o Futre sentados ao balcão tomava-mos café com um cheirinho, as chávenas serviram de copos para atacar o resto da garrafa que nos haveria de inspirar para louvar o

gesto dos dois personagens compenetrados numa mesa a pôr carimbos e a data nas

credenciais, concordando depois de acabar com a garrafa de bagaço, que é destes homens dedicados à causa dos selos, que o país necessita para sair da crise.

Depois, já em Pontevedra aconteceram algumas coisas dignas de registo:

Paramos na “Adega de Campos”, o Alexandre gritou de alegria quando passou um camião com cervejas Mahou, que o fez recordar os bons tempos do ano passado; o Carlos a tentar convencer o rooming o deixa-lo telefonar p`ra gaja; enquanto eu tentava arranjar o cleat de um sapato o Milo arrancou - me o outro e mandou-o pelo



ar, aparecendo logo um cão de trela a *snifar* e se não fosse a dona ter puxado por ele tinha mesmo alçado a perna, não arranjei o cleat e tive que fazer o resto do Caminho sem encaixar o sapato nos pedais o que não foi nada agradável; depois em frente da basílica de Santa Maria um belo monumento, estilo gótico, chamamos a atenção de um atleta que treinava com uma bicicleta de estrada, “*pelo barulho que faziam*”, disse ele depois, “*só*

podiam ser Portugueses ou Italianos”, fazia parte, segundo ele, da equipa nacional de duatlo, composta por cinco atletas, iriam participar numa prova para o campeonato do Mundo que se realizaria nesse fim-de-semana em Pontevedra, meteu paleio com o Jorge perguntando-lhe se havia alguém oriundo da Ericeira de onde era natural; entretanto um indivíduo cheio de argolas no nariz e nas orelhas estilo freak/punk com um cão rafeiro pela trela, perguntou-me qualquer coisa apontando para a minha bike- com cão a ladrar furiosamente perto da minha ferramenta-, sem perceber o que pretendia, deduzi que estava a pedir para eu deixar o cão alçar a perna contra a minha bike - que o gajo não batia bem, todos os que assistiam à cena perceberam logo, agora deixar o cão mijar contra a minha SantaCruz, alto e pára o baile, afinal o que o homem queria era que eu desviasse a bike do lugar onde estava encostada porque esse era o lugar onde o rafeiro costumava estacionar para comer e o dono pedir umas moedas...

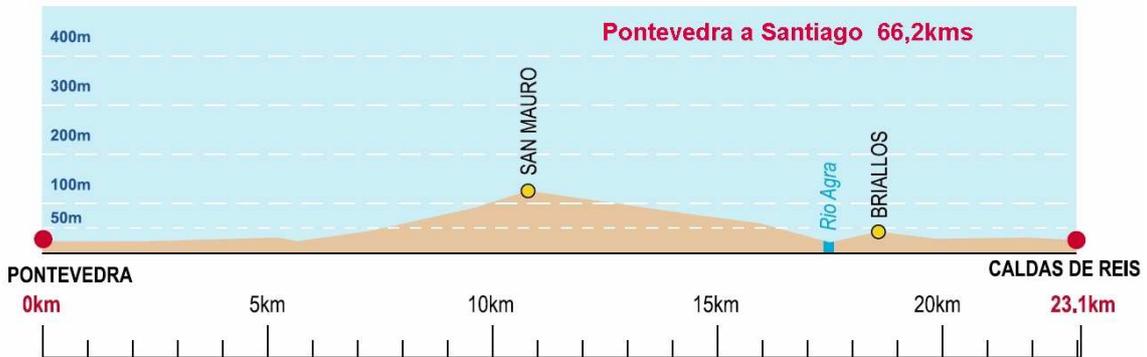
*“...os cães e o Narciso, digno de uma telenovela mexicana...Conselho ao narciso, quando os cães nos mijam nas bicicletas está tudo f*****...”*

Ivo

...que mais me iria acontecer ainda, até chegar a Santiago?

The last, but not least, comentavamos o descaramento do rafeiro em correr com a minha SC, quando demos pela falta do Néilson, onde está? Onde estará? Foi então que o Jorge se lembrou que na adega de Campos ele fora à casa de banho e tinha-o avisado, esquecendo-se por completo de comunicar ao pessoal.

Passado meia hora apareceu o Nélsón todo chateado. Já tínhamos visto este filme com o Mota e não aprendemos nada, podiam ter-lhe roubado a burra Cube, mesmo assim ainda foi comprar *drops* a uma doçaria para todos, ah “ganda” Nélsón.



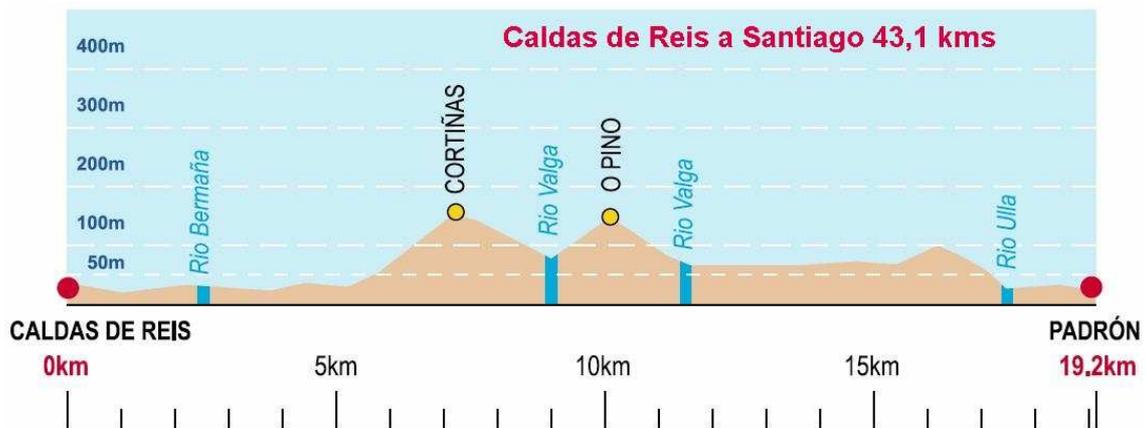
Depois destas peripécias, por trilhos até Padrón, onde terminaria esta etapa, passando ainda por Caldas de Reis. Encontramos alguns peregrinos a pé há bastantes dias a caminhar, cruzamo-nos com vários grupos de ciclistas, passamos o dia a vestir e tirar os impermeáveis por causa das chuvadas que iam caindo amiúde, o Caminho até



O Futre a zelar para que bom nome de Portugal, ficasse limpo das silvas

Padrón em certos trechos não era fácil, estava bastante maltratado e enlameado por causa da chuva, trilhos complicados, a autarquia de Pontevedra bem podia ter esta parte do Caminho bem cuidada, havia placas a indicar o Caminho cobertas de vegetação, numa ocasião próxima de Caldas de Reis uma placa com uma seta assinalava: “Camino Xacobeo Português”, coberta de Silvas o Futre patrioticamente saltou da

burra Ransom e foi limpar a placa tornando-a mais visível, é assim mesmo grande Futre.



Atravessamos o rio Agra e estávamos em Caldas de Reis, uma Vila a merecer atenção para uma visita mais demorada, reagrupamos toda a gente e continuamos a atravessar

os irritantes regos de água que atravessavam o Caminho, provocavam o mesmo efeito que lombas na estrada, a vinte kms do final da etapa uma fonte com quatro bicas que servia para matar a sede aos peregrinos, paramos para beber água e encher os bidons que estavam quase vazios e ainda para tirar alguma lama das bikes, o Futre até lavou a cabeça com o capacete a servir de concha.

Seis de nós paramos para lanchar numa tasca à beira da estrada Pontevedra -Santiago, os outros optaram por continuar, como sempre *“não havia meio de juntar as cabras tresmalhadas”*, como disse o Milo.

O Grupo que tinha ficado a lanchar, só lhes restou pedalar a sério para apanhar o pessoal da frente mas não foi possível a distância era grande e...

“...o ritmo imposto até Padrón foi impressionante apesar de ter dividido o grupo...”

Ivo

... como se ainda houvesse dúvidas, sempre a competir *“caminhante, detem-te por momentos e reflecte no que te rodeia, na tua breve passagem pela terra”*.

“Tu não te cansas?”, perguntou a certa altura o Paulo Fernandes ao João, admirado pela forma pouco ortodoxa como transportava a bagagem e sempre a pedalar com a sua Kreek K3000, na frente sozinho sem deixar ninguém aproximar-se.

Próximos de Padrón...

“...a passagem pelos nossos conterrâneos que fizeram a viagem a cavalo...”

Ivo

... estes cinco cavaleiros tinham saído de S.Pedro de Rates no dia oito; de salientar, que o mais novo destes cavaleiros era uma miúda de...09 anos; endereçamos daqui os nossos parabéns pela sua coragem e tenacidade.

O traçado dos últimos kms antes de Padrón são fisicamente interessantes, com passagens entre arvoredo e vegetação variada e frondosa, pena aquelas ratoeiras a atravessar o Caminho em forma de grades, feitas com intervalos entre ferros que cabia à vontade qualquer roda de bicicleta por mais larga que fosse, é de arrepiar o que poderia ter acontecido a nós que vínhamos lançados, se dois ciclistas, um com o pneu da roda da frente estraçalhado não nos tivessem avisado para ter cuidado e passar pelos lados onde os intervalos eram mais pequenos.

Devia haver um aviso ao qualquer coisa a prevenir do perigo.



Padrón é, segundo a lenda, o local em que aportou a barca que transportou os restos mortais do Apóstolo Santiago Zebedeu desde o Médio Oriente até à Península Ibérica. A pedra, ou padrão, (deu origem ao nome da cidade, que antes se chamava: Iria Flavia), a que foi presa a barca ainda hoje existe, encontrando-se colocada por baixo do Altar da Igreja de Santiago de Padron.

Num monte não muito longe do centro da Vila, do outro lado do Rio Sar, encontra-se um outro lugar de culto a Santiago: a pedra em cima da qual, de acordo com a lenda, Santiago celebrou missa.

In “wikipédia”

Chegamos às 18h30, o Manel contactou como combinado o Snr Miranda do Grupo de Esposende em bicicleta que já lá se encontravam e onde estava previsto pernoitarmos num barracão juntamente com eles uma vez que no albergue como prevíamos estava completamente lotado.



No barracão tínhamos que dormir encima de...uma bancada e coisas do género, não nos agradou, a solução foi mesmo alugar quartos numa residencial.

Instalados no "hostal jardin", fomos à procura de local para jantar.

Findo o repasto fomos dar a habitual voltinha higiénica pela cidade, depois... conta lvo o que se passou...

"...a presença do grandioso historiador Futre, quando invadiu o monumento da villa,

com as suas explicações nunca antes ouvidas por um publico tão atento... e mais nada.

A Benção do PAPA O FUTRE ao pecador Narciso, as fotos bem relatam esse momento, seguido de uma traição entre o Futre e o Ivo apanhados numa cama em poses no mínimo duvidosas..".

Ivo



... uma radiografia ao estado de espírito do Grupo feita pelo psicólogo Milo, neste dia bem

durinho, onde pedalamos 96kms:

"...O Tino compensava o esforço das subidas comendo, boas quantidades de massa meada;

- O Alexandre com cervejolas;*
- O Berto ligou para vir uma Pizza mas, já ninguém o respeita;*
- O Narciso estava mais que arrependido de ter trazido as bolas;*
- O Manel estava triste, tanta subida e sem aparecer ninguém que o conhecesse;*
- O Filipe zangado porque não conseguia manter as cabras juntas, umas no cimo do monte, outras a pastar nas bermas da encosta;*
- O Ivo o relações publicas ligava insistentemente para as autoridades espanholas para trazer a retro escavadora para endireitar os caminhos;*

- O Jorge tinha alucinações a pensar numa cama e que alguém lhe fizesse uma massagem;
- O Futre só pensava na hora de pegar no “tractor Ramson” e enfiá-lo pela cabeça a baixo ao Vergílio;
- O Carlos sempre que saía da Bike tinha um andar novo;
- O Mota fez-me arrepiar os cabelos quando por momentos pensei que a bike vinha a subir sozinha, era ilusão de óptica com o esforço ele vinha rasteirinho;
- O Paulo fez uma investida para apanhar o João mas acabou-lhe a gasolina, aquele papa-léguas ainda não está ao seu alcance;
- O Mailo só pensava que mais valia ter ficado em casa a dar a quarta;
- O Flávio acabou o dia roxo como uma beterraba, com o esforço não conseguiu libertar os gases só o conseguiu em frente ao restaurante;
- O Narciso andava sem sorte nenhuma, até um cão o despojou do seu lugar e se fosse de raça, mas ainda por cima um rafeiro.

...e o Néelson e o João?

Ao fim do dia o cansaço tomou conta dos DDR o esforço tolda a mente e desequilibra as emoções e o grupo tem pequenas quezílias. Tudo isto viria a ser limpo da memória com um revigorante jantar e vinho de trás da orelha...”.

Milo

3º dia: Sábado, 12 Junho



Alvorada às 07h00 - depois da tirada de ontem e passar a noite bem refastelados, embora os quartos fossem de dois - atenção, nada de confusões, as camas eram separadas -, menos o Manel que ficou sozinho e o Berto e Ivo a terem direito a... uma suite nupcial. Toda a gente estava pronta para os poucos kms que faltavam até Santiago, a etapa da consagração.

Vira para um lado e outro e mais outro, até que encontramos um café para o *desayuno*, enquanto comíamos, o Ivo “ficou comido”, parece que um rato lhe atacou o pequeno-almoço, segundo ele o começo do dia foi...

“...claramente marcado pelo pequeno-almoço... alguém quer uma sandes com queijo e jamon ?.....meu Deus...”

Ivo



...O dia nasceu com algumas nuvens e o Sol a aparecer envergonhado, não se previa chuva...

“...um dia calmo, poucos quilómetros para fazer, no entanto o Berto fura e nós esperámos...”

Milo

...Fui com Berto e o Flávio directos a uma bomba de combustível, tentar resolver o problema da roda, enquanto os restantes ficavam à espera de alguém atrasado; a solução foi meter uma câmara-de-ar no tubless que apresentava um enorme inchaço “vamos lá ver se aguenta até ao fim”, comentou o Berto. Chegou mesmo à justa...

“...o Paulo aproveita para fazer mais uma investida atrás do João mas o bip bip volta a desaparecer-lhe no meio de uma nuvem de fumo...”

Milo

...julguei que já tudo me tinha acontecido nos dois dias anteriores, julguei mal...

“...quem se lembra do cão e do porco e claro mais uma vez do Narciso envolvido na história. É sina...”

Ivo

...a situação mais marcante e insólita veio a revelar-se quase à entrada de Santiago: o que parecia ser um Pastor, mas neste caso acompanhado de uma Porca e um cão Boxer, pedia autógrafos aos DDR que passavam enquanto o seu cão insistentemente tentava violar a Porca.

Claro que esta situação deu direito a fotos e valentes risadas!..” *Milo*



Já vimos muita coisa pelos Caminhos, mas um trio destes !!!!!.....

...Eu e o Carlos íamos cá atrás do Grupo a conversar calmamente, quando deparamos com um indivíduo, um cão e uma porca presos por uma trela, a fazer gestos para que parássemos, surpreendidos com a caricata situação, assim fizemos, o homem de chapéu, numa mão segurando a trela dos animais e um cajado, na outra gesticulava em nossa direcção com um caderno e uma

estereográfica, sem perceber qual a razão daquele espectáculo surrealista às portas de Compostela, peguei no caderno e comecei a folheá-lo, depois escrevi qualquer coisa do género: “diz-se que a história não se repete; mentira: ontem fui abordado por um maluco e um cão, hoje a história repete-se, volto a ser abordado por outro maluco com um cão e uma porca”, enquanto escrevia o cão deliciava-se a lamber a minha perna, confesso que até foi uma boa sensação.

Deu para ver que o caderno do homem estava cheio de frases, muitas em Português uma que li chamava-o de homem de coragem!!! Coragem???? Quanto a mim, ele tinha era uma grande pancada.

Irra, já chega de histórias com cães, é sina como disse o Ivo.

“Caminho do cão pela Costa Portuguesa”, comentou, mais tarde o Jorge.

À entrada na cidade de Santiago encontramos alguns peregrinos de Esposende que tinham saído a pé de S.P.Rates no dia da inauguração; conversamos com o campeão olímpico - Belmiro Penetra um dos dois “heróis” a fazer o Caminho por mar em kayak; conversamos também com alguns elementos do Grupo que fez o percurso em bicicleta só faltou encontrar o Grupo de cavaleiros prevista a sua chegada para mais tarde. Estavam todos radiantes com esta experiência.

Mais um km pelos subúrbios da cidade, depois pelas ruas cheias de gente à mistura com muitos peregrinos, avançávamos com cuidado, já se viam as cúpulas da catedral.

Eram 10h15, quando arribamos à famosa praça de Obradoiro em frente à catedral com o apóstolo São Tiago, motivo de peregrinações religiosas desde a idade média onde as pessoas chegavam dos mais diversos Caminhos da Europa, para ganhar o Jubileu (graça especial do perdão dos pecados), quer por motivos culturais ou de aventura como no nosso caso.

Em 2010 é ano Jacobeu, o próximo só se repitará em 2021.

*“...Momento marcante: a chegada em grupo, sem o João claro.
Até já”*

Ivo

“..E assim chegamos a Santiago desta vez já com o João deitado no recinto à nossa espera. Espera lá eu até agora estive a falar de quê?”

Milo

Chegamos ao fim do Caminho, chegamos ao fim de mais uma aventura pelos Caminhos de Santiago, com a novidade de Os Duros De Roer ficarem na história por serem juntamente com os quatro Grupos a pé, de kayak, a cavalo e de bicicleta, os primeiros a fazerem oficialmente, o Caminho Português da Costa em bicicletas todo terreno em autonomia, apesar de sermos o Grupo que “correu por fora”, temos o direito a reivindicar este “título”, estamos autorizados a contestar com provas se preciso for, se alguém mencionar que foram quatro Grupos e não cinco.

Este feito meramente simbólico vale o que vale, o que cada um entender, não tive conhecimento que ficasse registado em qualquer lado, a não ser aqui, também não é importante, o importante foram as vivências do Grupo nestes três dias, houve coisas boas e algumas menos boas, estas rapidamente sanadas por todos, um grande filósofo disse certo dia: *“o fraco nunca desculpa, a desculpa é característico do forte”*, os DDR são fortes.

Agora cabe a cada um reflectir:

“Porque vamos a Santiago?”

Pergunta feita pelo Carlos durante o Caminho

Dhum Narcissum Eiras Ribeiro

Emílio Torres Hipólito

Sérgio Ivo de Carvalho